

## ESCLARECIMENTO E EDUCAÇÃO EM IMMANUEL KANT (1724-1804)

Karine Biasotto\*

[lattes.cnpq.br/9342635498370050](http://lattes.cnpq.br/9342635498370050)

**Resumo:** O presente artigo trata do pensamento de Kant sobre a questão pedagógica. O objetivo consiste em apresentar o conceito de Iluminismo elaborado pelo intelectual e relacioná-lo com o seu pensamento no que diz respeito a educação. Para isso foram utilizados os ensaios: *Resposta à pergunta: que é o Iluminismo* e *Sobre a Pedagogia*. O primeiro é uma reflexão sobre o contexto social da Europa do século XVIII e suas consequências para a vida intelectual desse momento histórico. Já o segundo, trata-se de uma reunião de notas elaboradas por Kant e organizadas por seu discípulo Rink. Fortemente influenciadas por Rousseau, essas notas apresentam o pensamento kantiano por um longo período e destacam a questão da liberdade, do progresso e da autonomia a fim de educar um ser moral. A partir disso é possível perceber a influência daquilo que o autor entende como Iluminismo no processo de formação do homem, que para ele inicia desde muito cedo, quando a criança nasce, e se mantém até a juventude, sem um momento preciso para conclusão. Desse modo se torna evidente a atualidade do pensamento de Kant principalmente sobre o quanto fundamental é aprender a pensar por si e assim fazer um bom uso da liberdade, caminhar para o progresso com fim na moralidade.

**Palavras-chave:** Kant; Iluminismo; Educação.

## ENLIGHTENMENT AND EDUCATION IN IMMANUEL KANT (1724-1804)

**Abstract:** This article discuss the Kant's thought regarding to the pedagogical question. The aim consist in show the concept of Enlightenment elaborated by the intellectual and relate to his thought about education. Therefore, was used the essays: *An answer to the question: What is Enlightenment* and *On Pedagogy*. The first is a reflection on the social context of eighteenth-century in Europe and its consequences for the intellectual life. The second, it is a combination of notes elaborated by Kant and organized by his disciple Rink. Strongly influenced by Rousseau, the notes are based on the thinking for a long period and prioritize the

\* Doutoranda em Educação pela Universidade de São Paulo, USP (Brasil).  
Contato: [kabiasotto@gmail.com](mailto:kabiasotto@gmail.com).

question of freedom, the progress and the autonomy of a moral being. From this, it is possible realize the influence of that what the author understand as Enlightenment during the process of humanity formation that for him begins when the children born, and keep during the youth, without a precise moment to the conclusion. In this way became evident the currentness of Kant's thought, especially to show how fundamental is learn to think for oneself and thus make a good use of freedom, to walk to progress with finality on the morality.

**Key-words:** Kant; Enlightenment; Education.

\* \* \*

## **Introdução**

Esse artigo trata da teoria de Kant sobre a educação entrelaçada as suas questões filosóficas de modo geral e ao seu contexto histórico, isto é, o Iluminismo e o despotismo esclarecido durante o século XVIII.

As temáticas sobre as quais o filósofo se debruçou são relevantes até a atualidade. Desde a discussão relacionada a moralidade, problemática que permeia as relações sociais constantemente até a sua importância para a discussão da política de globalização, como aponta Pinheiro (2007). Esse pesquisador destaca o quão vivo é o pensamento de Kant e o quanto ele possibilita reflexões em diversas áreas do conhecimento.

No campo da educação Pinheiro (2007) apresenta as teorias de Jean Piaget e Lawrence Kohlberg como influenciadas pelo pensamento kantiano, pois elas consideram que o sujeito moral é um agente livre e capaz de eleger valores que julgam racionalmente superiores.

O pensamento de Kant contribui para a compreensão do Iluminismo, momento histórico de valorização da racionalidade em sobreposição a qualquer misticismo, a tradição absolutista e mercantilista. Essa busca por novos ideais políticos e econômicos resultou na Inde-

pendência dos Estados Unidos e na Revolução Francesa, e assim, gerou consequências que transformaram o processo histórico daquele contexto.

Portanto, o objetivo desse artigo está primeiramente em entender o olhar de Kant sobre o Iluminismo e na sequência apresentar o modo com que o autor relaciona as ideias iluministas de modo a contribuir com as práticas educativas com a finalidade de formar o homem autônomo e moral.

## **Kant e o Iluminismo**

Immanuel Kant nasceu em 1724, na cidade de Königsberg. Essa era capital da então Prússia Oriental, uma longínqua província alemã. O filósofo foi criado em uma família de confissão luterana, fé a qual sua mãe era extremamente devota. Isso exerceu uma forte influência sobre seu modo de pensar, sobretudo no seu conceito de moral, apresenta Strathern (1997).

Aos dezoito anos, Kant começou a estudar teologia na Universidade de Königsberg, e logo passou a demonstrar interesse pela matemática, física e pelas descobertas científicas. No entanto, após a morte de seu pai precisou deixar a universidade e passou então a dar aulas particulares para famílias abastadas.

Segundo Strathern (1997), somente em 1755, quando já tinha trinta e um anos, Kant graduou-se. Passou então, a dar aulas na universidade. Durante quinze anos ensinou matemática e física, além de ter publicado inúmeros tratados sobre diversos assuntos. Ao mesmo tempo, continuava estudando filosofia. Suas ideias foram influenciadas por Newton, Leibniz, Hume e Rousseau.

Posteriormente passou a dar aulas de geografia e enfim, aulas de filosofia. Em 1770, Kant foi nomeado professor catedrático de lógica e metafísica. Inicia então, um tempo de vida regrada, quando passou a trabalhar em sua própria filosofia. Publicou a *Crítica da razão*

*pura* (1781), *Crítica da razão prática* (1788) e a *Crítica do juízo* (1790).

Kant teve oportunidade de publicar essas três obras devido ao período de tolerância religiosa pelo qual a Prússia vivia durante o reinado de Frederico, o Grande, por quem Kant sentia profundo respeito e admiração, assevera Strathern (1997). Em sua última década de vida, Kant dedicou-se a uma obra que não chegaria a concluir. Faleceu em 1804, aos 80 anos.

Segundo Silva e Silva (2005), o iluminismo foi um movimento fundamental na história do ocidente, e, como um conceito filosófico, foi organizado por Kant, em 1784. Tal filósofo intencionava elaborar uma acepção para a filosofia vigente na Europa do século XVIII. A referida definição se encontra no opúsculo *Resposta à pergunta: que é o Iluminismo* (1784).

Boto (2011) define os homens que viveram o século XVIII como intelectuais “[...] preocupados com questões relativas ao reconhecimento das novas gerações, ao avanço do conhecimento e da instrução pública como estratégias para aprimorar a vida em sociedade no tempo em que viviam” (p.13). Kant não fugia a essas premissas. Embora não tenha tratado sobre a questão da instrução pública, refletiu de forma intensa a importância em cultivar o conhecimento humano a fim de educar o homem para o progresso, autonomia e assim criar um ser moral.

O Iluminismo, segundo Abbagnano (2007) foi uma linha filosófica que estendia a razão a todos os campos da experiência humana. Nenhum deles deve ser excluído de uma possível crítica racional. Quanto a religião, os iluministas buscam validá-la segundo os limites da razão cujas possibilidades foram validadas pela experiência. O empirismo teve estreita ligação com o Iluminismo, pois garantia abertura ao domínio da ciência e do conhecimento, assim como à crítica da razão, pois entende que toda verdade pode e deve ser colocada à prova, modificada, corrigida ou abandonada. Desse modo a ciência passa a ocupar lugar de destaque dentre as atividades humanas. A proposta

iluminista não está no simples uso da razão, mas sim, em utilizá-la de modo a melhorar a vida individual e social humana.

Para o mesmo autor, os intelectuais do Iluminismo são hostis no que diz respeito a tradição, pois nela enxergam crenças e preconceitos os quais julgam fundamental destruir. O referido movimento é responsável por duas máximas fundamentais a cultura moderna. São estas: tolerância e progresso. A primeira é aquela que impede que a religião se torne um instrumento de governo. A segunda é responsável em conceber a história como transformação e possibilidade de melhoria.

Os homens que julgavam viver o século das luzes, entendiam esse momento como o ápice da maturidade racional e intelectual humana, apresentam Silva e Silva (2005). Embora não seguissem exatamente uma mesma linha de pensamento, eles tinham alguns aspectos que os conectavam. Eram estes: uso do pensamento racional, contrariedade a qualquer autoritarismo e a qualquer misticismo.

Fortes (1981) apresenta o referido movimento como o esteio teórico para a Revolução Francesa e Independência dos Estados Unidos. O século XVIII foi acompanhado de um fervilhar de ideias de homens que posteriormente inspiraram os revolucionários.

O mesmo autor evidencia os séculos XVII e XVIII como um momento de formação dos estados nacionais europeus e de transição do feudalismo para o capitalismo. A Igreja Católica, sustentáculo do sistema feudal vinha, desde a Reforma Protestante, sofrendo críticas a partir do uso da racionalidade. O Século XVIII era interpretado por Diderot como o século da liberdade. Esse era, portanto, um contexto de fortalecimento da burguesia.

O homem desse tempo histórico deixa de ter preocupação primordial com assuntos transcendentais ou místicos e passa a preocupar-se com o mundo em que vive. A História passa a ser estudada com vistas a garantir o bem-estar social.

Nesse período alguns monarcas europeus buscaram uma aproximação dos ideais iluministas, aponta Fortes (1981). Os reis filósofos,

ou, déspotas esclarecidos conduziam o estado tendo em mente a ideia de que o homem conduz seu próprio destino.

No século XVIII a Prússia, onde Kant viveu, era um reino dentro do Império Alemão. Elias (1994) apresenta um estado que se julgava inculto, fragmentado e com um idioma desengonçado. O ideal de civilidade era incluir palavras em francês no vocabulário. Os servidores dos príncipes criaram uma classe intelectual a fim de estabelecer uma unidade cultural e elaborar um conceito de cultura entre os reinos alemães.

Elias (1994) expõe que em uma de suas obras, Frederico trata com pesar o lento desenvolvimento da literatura e ciência alemã, e atribui esse fato as inúmeras guerras anteriormente ocorridas. Sua opinião, no entanto, era a de uma classe que via na França um ideal de cultura, visão a qual a inteligência alemã queria combater. De seu modo, Frederico era otimista ao relatar a prosperidade que voltava a se estabelecer. Pouco tempo depois suas previsões viriam a se concretizar, “[...] vem a luz *Die Rauber* (Os Bandidos), de Schiller, e a Crítica da razão pura, de Kant, seguidos em 1787 por *Don Carlos*, do primeiro autor, e *Iphigenie*, de Goethe. Daí se seguiu todo o florescimento da literatura e filosofia alemã que conhecemos” (ELIAS, 1994, p. 31).

Frederico II da Prússia foi um dos mais representativos déspotas esclarecidos segundo Fortes (1981). Foi muito prestigiado entre os filósofos e homens letrados, tanto que Kant chamou o século XVIII de “Século de Frederico”. Era interessado no debate de ideias e pelas artes, além de ser amigo pessoal de Voltaire, d’Alambert e Diderot. Escreveu algumas obras em francês. São estas: *Anti-Machiavel* (1740), *História do meu tempo* (1746), *Testamento político* (1752), entre outras. No entanto, o propósito mais importante não estava em escrever livros de filosofia, mas sim, aplicá-la por meio de um governo fundamentado na sabedoria e na razão.

Para Fortes (1991) Frederico II buscou modernizar as regiões mais pobres da Prússia, e como outros monarcas europeus que se fundamentaram no despotismo esclarecido, consentiu a tolerância religi-

osa. Elias (1994), identifica que apesar disso essa sociedade não permitia uma abertura política concreta, o Estado Absolutista permaneceu inabalado e os burgueses foram excluídos de todas as atividades. “Na melhor das hipóteses, podiam ‘pensar e escrever’ independentemente, mas não agir da mesma forma” (ELIAS, 1994, p. 36). Essa situação encontrava na literatura um meio de fuga, exemplificado em obras de Goethe.

Embora tenha sido também, um entusiasta das ideias que inspiraram a Revolução Francesa, Kant transparecia uma admiração por Frederico II. Durão (2016) explica que no contexto de modernidade, o despotismo esclarecido significou um avanço nas relações políticas, jurídicas e sociais. Era um passo além do absolutismo, portanto o intelectual julgava essa proposta de governo aceitável.

Para Fortes (1981) Kant foi o mais notável interprete do espírito das luzes, extremamente otimista em relação ao mundo que se formava. De acordo com Silva e Silva (2005) o iluminismo foi um movimento progressista, isto é, acreditava que a história possui uma tendência a sempre melhorar. No entanto, quando as ideias foram colocadas em prática, houve uma mudança de discurso por parte da burguesia, que escondia a origem do seu poder. Sendo assim, os homens não se tornaram livres e emancipados. Isso demonstra o caráter elitista do movimento, que para Silva e Silva (2005), pouco tinha a dizer aos trabalhadores.

Ao refletir sobre o significado do movimento, o próprio Kant assim o define: “*O Iluminismo é a saída do homem da sua menoridade de que ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de se servir do entendimento sem a orientação de outrem*” (KANT, 1989, p. 11 – destaques do autor). A menoridade é sinônimo de dependência da orientação de outros indivíduos. Ela não está na ausência de entendimento, mas sim, na ausência de coragem em servir-se do próprio entendimento. Daí vem a máxima mais importante para o Iluminismo, segundo o autor: *Sapere aude*, isto é, ousa saber.

Kant admite que é muito mais cômodo – quase natural – permanecer na menoridade e ter alguém que toma todas as decisões. “[...]”

um diretor espiritual que tem em minha vez consciência moral, um médico que por mim decide da dieta, etc. então não preciso de eu próprio me esforçar” (KANT, 1989, p. 12). Portanto, alguns assumem esse papel de pensar, enquanto os demais permanecem dependentes.

No entanto, esses preceitos e fórmulas prontas são uma condena a menoridade perpétua. Ainda que alguns indivíduos buscassem a liberdade, seriam inseguros ao fazê-lo devido à falta de hábito do movimento livre. Assim poucos se arriscam a sair da menoridade.

Isso mostra que a liberdade é um elemento fundamental para se chegar a “ousar saber”. Entre aqueles que são menores, haverá sempre os que pensam por si após terem se libertado da menoridade, e esses, tendem a disseminar o valor de cada homem pensar por si. Contudo, o processo de se chegar a ilustração é muito lento. Para Kant, nem mesmo uma revolução é capaz de realizar uma reforma do modo de pensar.

A mais fundamental liberdade que orienta para as luzes, ao entender de Kant, é a de fazer o uso público da razão. Porém de todos os lados se encontra a restrição da liberdade.

Mas agora ouço gritar de todos os lados: *não raciocines!* Diz o oficial: não raciocines mas faz exercícios! Diz o funcionário de Finanças: não raciocines, paga! E o Clérigo: não raciocines, acredita! (Apenas um único senhor no mundo diz: *raciocinai* tanto quanto quiserdes e sobre o que quiserdes, mas obedecei!) (KANT, 1989, p. 13 – destaques do autor).

Kant diferencia o uso da razão de duas formas. O uso público e o uso privado. O primeiro é o que um erudito realiza no mundo letrado. Deve ser livre, pois só ele direciona a ilustração. O segundo é o que alguém faz ao ocupar um cargo. É mais restrito, mas não restringe o progresso das luzes.

O autor coloca em questão se vive, ou não, uma época esclarecida. Para ele, não. Seu contexto é de Iluminismo ou um processo de esclarecimento. Os homens eram ainda incapazes de se servirem do seu próprio entendimento, mas paulatinamente ocorria a diminuição dos obstáculos que levavam a ilustração. “Falta ainda muito para que

os homens tomados em conjunto, [...] se encontrem já numa situação ou nela ou nela se possam vir a pôr de, em matéria de religião, se servirem bem e com segurança do seu próprio entendimento sem orientação de outrem” (KANT, 1989, p. 17).

O referido filósofo chama esse período de “século de Frederico”, o que evidencia a admiração que sentia pelo rei da Prússia. Ele relata a questão da tolerância religiosa, da qual Frederico II era um adepto. Para Kant é uma primeira forma em libertar o homem da menoridade deixando que se sirva do seu próprio entendimento no que diz respeito a questão da sua consciência.

Para o autor a tutela religiosa é a mais prejudicial e desonrosa ao homem, por isso a debateu de modo central. No que diz respeito às artes e às ciências os governantes não intencionam a tutela. O governante que atua dessa forma não vê perigo algum no fato de seus súditos utilizarem a razão sobre a legislação e na exposição de ideias sobre uma possível melhor formulação.

Kant entende que aquele que já é esclarecido e possui um exército a fim de manter a ordem pública pode declarar a que um estado livre é permitido ousar. Nas suas palavras “*raciocinaí tanto quanto quiserdes e sobre o que quiserdes; mas obedecei!*” (KANT, 1981, p. 18 – destaques do autor). A liberdade civil lhe parece proveitosa para liberdade de espírito do povo, embora ela coloque limites. Se a natureza desenvolve a vocação humana do pensamento livre, então ela tende a atuar sobre o povo de modo que este será capaz de agir segundo a liberdade.

Até o momento foi apresentada de modo geral, a visão kantiana de Iluminismo. Na sequência será tratada de modo especial a questão da educação para o referido autor.

## Princípios da educação em Kant

Refletir a questão educacional em Kant não é algo simples. Seu pensamento é essencialmente ligado a essa temática, porém existe

apenas um texto de sua autoria que discute o assunto, assinala Pinheiro (2007). Trata-se de *Sobre a Pedagogia*, escrito que reúne várias notas do autor sobre o tema. Essas anotações foram realizadas para os cursos que Kant ministrou na Universidade de Königsberg. Menezes e Boto (2014) elucidam que a proposta de tal instituição era de que o curso de Pedagogia fosse fundamentado em Basedow e Bock, no entanto Kant não se limitou a esses dois autores e se baseou de forma intensa em Rousseau. Posteriormente as notas do curso foram organizadas por um discípulo que se chamava Theodor Rink. Elas refletem o pensamento kantiano sobre educação entre 1776 e 1787.

Segundo Pinheiro (2007), para compreender a educação em Kant é preciso entrelaçá-la a sua teoria filosófica como um todo, e, portanto, refletir sobre uma pergunta a qual o autor julga fundamental: que é o homem? Essa pergunta resume outras três: Que posso saber? Que devo fazer? Que é lícito esperar? As referidas indagações permitem uma reflexão sobre a essência, o significado e a finalidade do homem no mundo.

Kant discute o homem em dois âmbitos: sensível e inteligível, no entanto há uma necessidade de unificar esses dois mundos. Para ser considerado como um todo o homem deve sair do estado de natureza e ultrapassar a menoridade por meio de uma ideia. Desse modo o homem pode ser considerado como um todo e se encaminha para o ideal de perfeição, isto é, a união entre fenômeno e númeno.

A educação para Kant tem como finalidade encaminhar o homem a perfeição e torná-lo um sujeito moral, destaca Pinheiro (2007). Mas para chegar a sê-lo, precisa desenvolver a sua autonomia, isto é, a capacidade de ter esclarecimento e assim desenvolver a racionalidade por meio da educação. A liberdade coactada para ele é elemento fundamental a fim de alargar esses valores. Desse modo se alcançaria o progresso para chegar a ser um homem moral. Também fica evidente o quão fundamental é, aprender a pensar e não ficar preso a condensa da menoridade.

Segundo Menezes e Boto (2014) a educação sob o olhar de Kant compreende conservação, trato, disciplina, instrução e formação. É

possível observar no autor uma preocupação pedagógica como extensão da sua preocupação moral.

Ao tratar da instrução, Kant assevera: “O homem é a única criatura que precisa ser educada” (KANT, p. 11. 2002). Isso se deve não somente pelo fato do homem ser o mais frágil dentre todos os seres, mas porque ele entende por educação o cuidado da infância, da disciplina, com a instrução e a formação, o que é desnecessário aos animais, pois eles se orientam pelo instinto.

Para Kant, a disciplina é o que transforma a animalidade em humanidade. O animal faz uso do instinto, já o homem faz uso da razão. No entanto, o homem não tem uma capacidade imediata para dela servir-se, então outros o fazem por ele. Por isso “Uma geração educa a outra” (KANT, 2002, p. 12). A disciplina é o que faz o homem sentir as leis da humanidade, é, portanto, o que tira do homem a sua selvageria, o que faz dela a parte negativa da educação.

Ao homem são necessários cuidados e formação. Essa compreende disciplina e instrução, a qual é a parte positiva da educação. É isso que torna o homem verdadeiramente homem e o orienta para a perfeição da natureza humana. A instrução também pode ser chamada de cultura. Aquele que não a possui é um bruto, já quem não possui disciplina ou educação é um selvagem. A primeira ausência pode ser remediada, a segunda não.

O segredo para a perfeição humana, ao entender de Kant, está na questão da educação. “Talvez a educação se torne sempre melhor e cada uma das gerações futuras dê um passo a mais em direção ao aperfeiçoamento da humanidade [...]” (KANT, 2002, p.16). Um projeto de teoria da educação é sempre nobre, e, ainda que não possa ser concretizado é fundamental. Como um ideal, consiste na busca da perfeição. Por esse motivo é importante sonhar com uma educação que desenvolva as disposições naturais do homem. Portanto, precisa ser aprimorada de geração em geração.

Cada geração, de posse dos conhecimentos das gerações precedentes, está sempre melhor aparelhada para exercer

---

uma educação que desenvolva todas as disposições naturais na justa proporção e de conformidade com a finalidade daquelas, e, assim, guie toda a humana espécie ao seu destino (KANT, 2002, p. 19).

O homem deve educar-se para o bem, para desenvolver suas disposições morais. Isso se desenvolve à medida que uma geração transmite seus conhecimentos a geração seguinte.

A arte de educar é das mais difíceis assevera Kant, pois as disposições naturais do ser humano não se desenvolvem por si. A origem e progresso da educação pode ser mecânica ou raciocinada. O autor a julga ideal para desenvolver a natureza humana de modo que ela possa seguir seu destino. Assim, um dos princípios mais importantes da pedagogia é educar com vistas ao futuro, a um estado melhor como destino da humanidade. No homem não há disposição para o mal. Esse consiste em não submeter a natureza as normas.

Assim o autor questiona qual origem da melhora no estado social. Está nos príncipes ou nos súditos? Ele entende que os príncipes devem melhorar a própria educação, e cabe aos súditos educá-lo, não aos seus pares que educam apenas para garantir o bem do estado, e não o bem da humanidade, que é, o fim último.

Kant entende que a direção de escolas cabe a pessoas competentes e ilustradas. A cultura parte delas e posteriormente se propaga. Somente pessoas generosas se interessam pelo bem da humanidade, no entanto a maior parte dos governantes tem interesse apenas que seus súditos trabalhem em benefício do estado.

As pessoas incumbidas da educação, devem, portanto, se encarregar de conduzir seus discípulos a se tornarem mais hábeis, mais morais, e, por fim, a um grau mais elevado do que aquele que a geração anterior atingiu. Para isso, a educação deve fazer do homem um ser disciplinado, culto, prudente e moral. Isso torna o homem verdadeiramente ilustrado e não um simples receptor de uma educação mecânica. Essas premissas transparecem preocupação em civilizar por meio da educação.

A moral para Kant, é a mais importante virtude a ser ensinada. A criança deve aprender a fazer o bem porque é importante, não porque Deus assim gostaria. Portanto a moral não deve ser legada a um líder espiritual, o que demonstra a laicidade do pensamento kantiano. O autor julga viver uma época de disciplina cultura e civilização. A moral, no entanto, ainda não fora alcançada.

O ato de educar envolve cuidados e formação. Ela pode ser negativa quando se trata da disciplina ou positiva quando se trata de instrução e direcionamento, isto é, a colocar em prática o que foi ensinado. A primeira fase da educação exige que o educando mostre obediência, a segunda fase permite uso da reflexão e da liberdade regradada.

Kant descreve a educação privada e a educação pública. A segunda reúne instrução e formação moral. Sua finalidade é promover uma boa educação privada, no sentido de educação doméstica. Dessa forma, há uma maior qualidade da educação que os pais oferecem aos seus filhos. Portanto, os institutos públicos “[...] devem se prestar a realizar certas experiências e a formar pessoas aptas para que possam dar uma boa educação doméstica” (KANT, 2002, p. 32). A instrução da forma como ocorre nesses institutos parece mais vantajosa a Kant, pois formam o caráter de cidadão, enquanto com a educação doméstica corre-se o risco de propagar defeitos familiares.

Outra grande dificuldade da educação, para Kant é conciliar submissão e liberdade. Ambos são necessários. O educando precisa sentir as restrições que a sociedade impõe, a dificuldade em ser independente e assim dirigir corretamente a liberdade.

Então o autor propõe algumas regras necessárias a educação da criança. São estas: dar liberdade a criança desde a infância, deixando claro que ela não pode com isso impedir a liberdade dos demais. Ela pode alcançar seus propósitos, respeitando os propósitos de outrem. Mostrar que o constrangimento imposto tem como finalidade ensinar-lhe a fazer um bom uso da sua liberdade.

Ele divide a doutrina da educação em física e prática. A primeira diz respeito aos cuidados com a vida corporal, já a segunda é a que trata da construção do homem como um ser que deve viver livre.

Para o autor aquele que educa deve conhecer todas as fases da vida humana. Isso inclui os cuidados materiais, que ele chama de educação física. Esses cuidados vão desde a alimentação que inicia com a amamentação realizada pela própria mãe, a nutrição adequada a cada idade, o aquecimento dos bebês, o qual deve ser moderado no sentido de fortalecê-los, não os prender com faixas, não os ninar e ignorar o choro para que não usem esse artifício como chantagem. Este último cuidado indica que o adulto não deve se curvar a todas as vontades do bebê, pois isso pode arruinar suas disposições naturais, e, posteriormente, são necessárias muitas punições para remediar a situação.

A criança deve aprender e se desenvolver por si, sem o uso de meios artificiais no intuito de protegê-la. Por exemplo, não utilizar faixas ou carrinhos para ensinar a andar, pois a criança é capaz de realizar tal atividade sem auxílio algum. Para se proteger ela pode usar as próprias mãos. A mesma ideia vale para as crianças que por ventura tenham alguma imperfeição, pois o autor julga qualquer aparelho inoperante. Isso torna possível observar no autor a característica de educar para a autonomia, de ensinar a pensar. A busca pelo esclarecimento consiste em ousar saber algo por si e a criança pode colocar em prática essa máxima com o seu próprio desenvolvimento.

De modo geral, “Tudo aquilo que a educação deve fazer é impedir que as crianças cresçam muito delicadas” (KANT, 2002, p. 48). O excesso de mimos não educa uma criança forte. É tarefa impossível habituar as crianças a tudo, porém quanto menos hábitos elas criam, mais livre e independente elas serão no futuro. Por isso é conveniente promover a vivência de diferentes situações e uma educação rígida a fim de afastar as comodidades.

No que diz respeito a educação da índole, Kant chama atenção para a necessidade de ensinar a disciplina e ao mesmo tempo mostrar a liberdade de modo a respeitar os demais. A criança deve receber dos pais somente aquilo que é necessário e de modo irrevogável. Devem

ser ignoradas se pedirem algo aos gritos. Caso isso ocorra jamais deve-se dizer a elas para que sintam vergonha, pois elas ainda não construíram a ideia de embaraço e convivência o que fará com que evitem os próprios pais. Isso diz respeito a educação negativa.

A cultura, de acordo com Kant, é a parte positiva da educação física. É ela que distingue os homens dos animais. Consiste no exercício das forças da índole. O adulto deve criar situações que favoreçam o desenvolvimento de habilidades naturais abrindo mão de qualquer instrumento de auxílio e estimulando os sentidos. “[...] é importante que a criança se exercite por si mesma. É preciso força, habilidade, rapidez e segurança” (KANT, 2002, p. 54).

Nesse sentido as brincadeiras da infância têm a função de estimular os órgãos do sentido. A real importância está nos seus objetivos. Por exemplo, um jogo de bola estimula a visão, a cabra-cega mostra como se comportariam na ausência de um sentido. “Cabe zelar para que na cultura do corpo também se eduque para a sociedade” (KANT, 2002, p. 58). Dessa forma, será educado um homem de bem, ao entender do autor.

Na sequência, Kant trata da cultura da alma como parte da educação física. É necessário diferenciar liberdade e natureza. Dar leis a primeira, é diferente de cultivar a segunda. A formação física da alma é diferente da formação moral, pois essa diz respeito a liberdade e a primeira se refere a natureza. “Um ser humano pode ter uma sólida formação física, pode ter um espírito muito bem formado, mas ser mau do ponto de vista moral, sendo desse modo uma criatura má” (KANT, 2002, p. 59).

A cultura física do espírito se divide em livre e escolástica, de acordo com o autor. A primeira é encontrada naturalmente no aluno e é uma forma de diversão, enquanto a segunda se trata de uma obrigação e é uma espécie de trabalho. As crianças devem dedicar seu tempo a essas duas formas de cultura. É fundamental que as crianças aprendam a trabalhar, pois o homem é o único animal que precisa realizar tal tarefa. Como a escola é uma cultura obrigatória, ela é tam-

bém o melhor espaço para cultivar as ocupações. “O homem deve permanecer ocupado, de tal forma que, tendo em vista o fim que almeja, se realize sem sentir-se a si mesmo, e que o seu melhor repouso seja aquele que sucede o trabalho” (KANT, 2002, p. 62).

Sobre a cultura das potências do ser humano, Kant assevera o progresso contínuo, com destaque para as potências superiores. As potências inferiores sozinhas não têm valor, por isso devem ser cultivadas com vistas às superiores. Por exemplo, de nada adianta ter uma boa memória, mas pouco discernimento, ou, espirtuosidade sem juízo. A memória por sua vez, deve ser cultivada para conservar conhecimentos pertinentes à vida. Isso pode ser feito por meio da retenção de nomes, leituras, escrita e por meio do estudo de línguas. Já as regras devem ser cultivadas com fim no entendimento.

Kant sintetiza os fins globais da educação. Primeiramente fortificar a cultura geral da índole por meio da educação física e da educação moral. A primeira é passiva pois a criança é orientada por outrem, já a segunda é fazer o bem pelo bem de modo ativo, já que conhece o fundamento e a consequência da ação. Na sequência trata da cultura particular da índole, que diz respeito à inteligência, sentidos, imaginação, memória, atenção e espirtuosidade. Dos itens elencados, a imaginação não deve divagar pois a distração se opõe à educação. Portanto a criança deve manter o foco em apenas um elemento, como um mapa por exemplo.

No que diz respeito às potências do entendimento, Kant as entende como a faculdade de julgar e da razão. A primeira é fazer uso do entendimento, enquanto a segunda faz conhecer os princípios. É a reflexão sobre o que acontece segundo suas causas e efeitos.

A melhor forma de cultivar as potências da índole, anteriormente referenciadas é permitindo que a criança faça por si aquilo que for necessário, por exemplo praticar uma regra gramatical recém aprendida. Daí se origina a importância do trabalho.

As vontades das crianças também devem ser dirigidas desde cedo, pois é prejudicial a elas mesmas a satisfação de todas as suas vontades.

Para Kant as máximas são os elementos fundantes da vida moral pois elas formam o modo de pensar. “É necessário que a criança aprenda a agir segundo certas máximas, cuja equidade ela própria distinga” (KANT, 2002, p. 75). Essas máximas geram caráter, por isso a moral é mais elevada do que a disciplina.

São três os traços que formam o caráter da criança segundo Kant. Primeiramente a obediência. Toda criança precisa ser submetida a leis, e, em caso de transgressão devem ser punidas com a consciência de que é para seu aprimoramento pessoal. O segundo traço e mais essencial é o da veracidade. Por fim, o terceiro traço é o da sociabilidade e das relações de amizade.

A preocupação de Kant é que as crianças devem ser instruídas em assuntos que dizem respeito a sua idade com vistas a futuramente criar um homem ilustrado e preparado para viver em uma sociedade civil.

A educação prática segundo Kant, compreende três características: a habilidade, prudência e a moralidade. A primeira deve ser sólida, bem fundada e aos poucos se tornar um hábito de pensar. Ela é necessária ao talento. A segunda é a arte de aplicar aos homens a habilidade ou servir-se dos demais para alcançar objetivos. A terceira diz respeito ao caráter. Prepara o homem para a moderação controlando as paixões e aprendendo a privar-se de algo que lhe é negado.

Tudo o que se opõe a moral deve ser excluído dos propósitos de um homem. Aquele que viveu uma vida de vícios, não se converte em um instante. Portanto, de nada adiantam peregrinações e jejuns vivenciados por algumas horas. Para cultivar a moral desde cedo é preciso ensinar por meio de exemplos e regras. O autor sugere que a criança tenha deveres consigo mesma. Conservar sua dignidade interior é o que faz do homem uma nobre criatura. A segunda sugestão é a dos deveres para com os demais, que diz respeito a colocar os direitos humanos em prática.

Sendo assim o filósofo sugere que as crianças devem aprender a realizar boas ações com os demais pela ideia de dever pois a desi-

gualdade social é oriunda do acaso. Uma criança incentivada a estimar-se pelo valor de outras constrói em si a inveja, portanto ela deve ser ensinada a estimar-se pelo valor da própria razão, assim como jamais deve humilhar outra. Elas devem ser afastadas de toda a soberba e ter a franqueza estimulada sem confundi-la com arrogância.

O autor coloca em questão a moralidade humana. É o homem, um ser bom ou mal por natureza? “Não é bom nem mau por natureza, porque não é um ser moral por natureza. Torna-se moral apenas quando eleva a sua razão até os conceitos do dever e da lei” (KANT, 2002, p. 95). O homem tende a desenvolver vícios, mas em direção oposta ele tem a razão que pode torná-lo um ser moral por meio da virtude.

Para Kant a maior parte dos vícios se originam no estado de civilização que violenta a natureza, mas o ser humano é destinado a sair do estado natural. Por isso uma boa educação depende de bons princípios que tenham sido compreendidos e aceitos pelas crianças.

Sobre a relação entre religião e educação, Kant indaga a possibilidade de inserir conceitos religiosos nas crianças e se elas entendem o que é a relação com Deus. Ele entende a religião como a moral aplicada ao conhecimento divino. É, portanto, um meio de se preparar para o dever em ser melhor e para as boas obras. Religiosidade sem ligação com a moral não passa de supersticiosidade. Deve-se evidenciar que a conservação e equilíbrio da natureza é ligada a Deus. Para criar sua imagem, ele deve ser comparado a um pai que cuida e protege.

De modo geral, Pinheiro (2007) apresenta a finalidade da educação humana em Kant como um meio para chegar ao progresso. Esse consiste em sair do estado de natureza, libertar-se de caprichos para poder viver em uma sociedade civil. Para essa realização, a razão precisa ser educada. É ela que proporciona ao homem a possibilidade de ultrapassar seus limites. Assim, a tarefa da educação consiste em afastar o homem do estado primitivo selvagem e inseri-lo em um estado de civilização em que pode fazer uso da liberdade coactada.

## Considerações finais

Esse artigo apresentou a concepção iluminista elaborada por Kant e de que modo ela contribuiu para suas reflexões relacionadas ao campo da educação. O texto foi dividido em dois itens. No primeiro, o autor foi contextualizado historicamente para a melhor compreensão do seu conceito de Iluminismo. Já o segundo traz à tona os ideais kantianos de educação em conexão com a sua teoria filosófica. A partir disso intencionou-se mostrar a relevância do pensamento kantiano para o campo pedagógico.

Uma das mais importantes ponderações legadas por Kant é a de “ousar saber” o que pode ser entendido também como aprender a pensar. Atualmente as informações sobre diversos assuntos, por exemplo, política, economia, arte, circulam de forma muito rápida e grande parte das pessoas as absorvem sem reflexão. Esse é um momento importante para pensar a importância em buscar o conhecimento a fim de não viver uma condena eterna de falsas impressões.

Outro ponto importante do pensamento de Kant é o de que o homem é a única criatura que precisa ser educada e de que essa educação perpassa de geração em geração. Embora o autor seja muito otimista em pensar que a humanidade caminha de forma linear para a perfeição, é importante olhar para a educação como um meio para essa busca pela perfectibilidade encontrada na moral. O que de fato importa é a ideia da busca por um aprimoramento constante.

Embora a geração mais jovem seja dependente da geração mais velha para aprender, fica claro o ideal de educar para a autonomia. Esse é o motivo que leva o autor a evidenciar a liberdade coagida para que desde cedo a criança desenvolva o senso de bem pelo bem e chegar a moral.

Somente um homem livre de amarras é capaz de pensar por si. Desse modo, tendo em vista o que já foi mencionado é possível considerar as questões propostas por Kant atuais e relevantes para discutir a educação na atualidade.

## Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BOTO, Carlota. *Instrução pública e projeto civilizador: O século XVIII como intérprete da ciência, da infância e da escola*. Tese (Livre-docência). Universidade de São Paulo. São Paulo 2011.
- DURÃO, Aylton Barbieri. Kant: A formação da República. In: *Kínesis*. Marília, Vol. VIII, nº 16, Julho, 2016.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FORTES, Luiz Roberto Salinas. *O Iluminismo e os reis filósofos*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: que é o Iluminismo. In: *A paz perpétua e outros opúsculos*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- KANT, Immanuel. *Sobre a pedagogia*. 3ªed. Piracicaba: Editora Unimep, 2002.
- MENEZES, Edmilson; BOTO, Carlota. Algumas notas sobre educação e ética à luz do pensamento de Kant. In: *Educação*. Porto Alegre, v. 37, n. 3, set.-dez. 2014.
- PINHEIRO, Celso de Moraes. *Kant e a educação*. Rio Grande do Sul: Educs, 2007.
- SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2009.
- STRATHERN, Paul. *Kant (1724 – 1804) em 90 minutos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

Recebido em 07 de setembro de 2018.  
Aprovado em 11 de janeiro de 2019.